

J. 10177

COMPRA

AZULEJOS



*Semanario illustrado
de Sciencias Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA

<p>REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO C. do Jogo da Pella, 6, 2.º LISBOA</p>	<p>Officinas d'impressão e composição A LIBERAL R. de S. Paulo, 216</p>
----------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------

Tiragem 6:000 exemplares

Segunda-feira, 21 de Junho de 1908

Brindes semanaes
Aos assignantes e annunciantes
2.500\$000 
ou
 1.200\$000
por um vintem!

Os numeros de cada loteria são dividi- dos pelo total dos ANNUNCIANTES, e ASSIGNANTES d'esta Redacção ca- bendo a cada exemplar do AZULEJOS uma porção avultada de numeros, entre os quaes ha de FATALMENTE estar contido o da SORTE GRANDE, que será premiado com um decimo para a loteria seguinte.

O possuidor do AZULEJOS que con- tiver entre os seus, o numero da SORTE GRANDE de 27 DE JUNHO deve, depois de n'elle ter ESCRITO O NOME E MORADA, entregal-o n'esta redacção ou envia-lo em CARTA REGISTRADA, afim de não haver extravio, até á vespera da loteria de 3 de julho, ficando assim habilitado com o decimo

OS NOSSOS



Conselheiro Wenceslau de Lima

3358

Aluga-se

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA

Clinica Geral—Partos

R. de S. Roque, 67, 1.º—Das 3 ás 5 da tarde

TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA

MEDICO-CIRURGIÃO

Rua Maria Andrade, 10, 2.º—D.

Consultas das 10 ás 11

ANACLETO DE OLIVEIRA ****

♦ ♦ MEDICO-CIRURGIÃO ♦ ♦

Rua S. Vicente á Guia, 22, 1.º

JANUARIO & MOURÃO

Ourivesaria e relojoaria

Grande quantidade de artigos em estojos proprios para brindes, desde 13000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso.

Importação directa das fabricas.

PREÇO FIXO

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92-A

JAZIGOS DE CAPELLA

A 200\$000 reis

8 Logares

Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES

QUASI DE GRAÇA

SÓ NA CASA DAS LOUÇAS

33, RUA DA PALMA, 35

Pedro Carlos Dias de Sousa

JULIO GOMES FERREIRA & C.ª



Fornecedores da Casa Real

88 — RUA DA VICTORIA — 88

Exposição permanente

166 — RUA DO OURO — 170

Instalações completas para agua gaz e electricidade
Grande sortido de lustres em todos os generos

As cartas dos consolentes devem vir acompanhadas da respectiva **SENHA DE CONSULTA**, e satisfazer aos seguintes requisitos:

— «Nome de batismo; iniciaes dos sobrenomes e apelidos.»

— «Anno, mês, dia e hora, se possível fôr, do nascimento.»

— «Côr da péle, dos olhos, dos cabelos.»

— «Altura aproximada, estado de magreza ou de gordura, comprimento exacto dos dedos da mão esquêrda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinaes da péle, congénitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feição do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»

— «Doenças anteriores á consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da péle.»

— «Falando ainda dos cabelos será bom dizêr se são macios ou asperos. As veias que se divisam atravez dos tegumentos são cheias e azuladas?»

— «E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel?»

— «Adora o prazêr em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefere?»

— «Tem tendencia para a violencias para o despotismo?»

— «E' cabeludo ou glabro?»

— «Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar deprêssa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloiçando o côrpo?»

— «Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á fronte, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?»

— «Caminha de mãos nas costas, nas algibeiras? Esfrêga-as muito? Costuma-lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vêzes a mão ao peito?»

— «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»

— «Ha frisante contraste entre a côr dos cabelos da cabeça, da barba e das sobrancelhas?»

— «Gosta de flôres, de fructos? Quaes os preferidos?»

Alem destes esclarecimentos, poderão os srs. consolentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredo, a mais completa discrição.

AS CARTAS DEVEM SER DIRIGIDAS
A ESTA REDACÇÃO



EXPOSIÇÃO
DE
LOUÇA DAS CALDAS
Arte decorativa
Artigos para brindes

GATO PRETO

R. de S. Nicolau

(Esquina da R. do Crucifixo)



COMPRA

20 REIS

**Semanario illustrado
de Sciencias, Lettras e Artes**

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

Officina d'impressão e composição
 A Liberal — R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
22 DE JUNHO DE 1908

condições de assignatura
 (Pagamento adiantado)
 SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincias..... 300 rs
 Colonias 400 •
 A cobrança pelo correio é augmentada
 de 60 reis.

Tiragem 6:000 exemplares.



CHÁ E TORRADAS



As arcadas do Céu, enormes, imponentes,
 Resoaram as tubas, sonoras, estridentes,
 Que os arcanjos-clarins, p'la frêscia madrugada
 Sopravam com furôr e firmes, na parada.
 Santo Antonio, major dos Celestes dragões,
 Levantando-se á pressa, vestindo os calções
 Vae num pulo montar a sua nuvem-corsel.

E parte, a galopar, buscando a San Miguel.
 Encontrou o arcanjo, em mangas de camisa,
 No quartel general, gosando a doce brisa,
 Bebendo gôlo a gôlo o café matutino
 E orando tambem a *são Beneditino!*
 Sant'Antonio avançou e fez a continencia
 — «Que o traz aqui major?» — «Saiba vossa excelencia,
 «(Da folhinha celeste invoco o testemunho)
 «Que sábado, amanhã, é o três de Junho;
 «O pôvo da Cidade onde eu nasci, mar'chal,
 «Faz sempre, em minha honra, um enorme arraial.
 «Principia em abril, dos garôtos daninhos
 «O massante pedir, a caça aos dez reisinhos
 «Que dizem sêr p'ra mim, p'ras vélas, para as cêras,
 «Quando afinal, eu sei, é p'ra bôlos e pêras.
 «E na vesp'ra da festa? A grita infrene estala;
 «Em loucura ensopada, a multidão abala
 «Como a sêta certa e firme do zagal
 «Que vae ferir e rasgar a gorja do chacal!
 «Dedilham-se, aos milhões, bandurras e guitarras,
 «Cantos d'amôr aqui, ali as algazarras
 «Soêzes dos vilões, tocados p'la vinhaça;
 «E o pôvo a caminhar, o pôvo sempre em massa,
 «O pôvo que poupou, em comêr, dez semanas,
 «P'ra gastar numa noite em ginjas e bananas.
 «Criadinhas gentis, de faces rubras, quentes,

«Olhos postos em alvo, os labios já pendentes,
 «Seguram-se, a valêr, nos braços vigorosos
 «Duns tipos sem pudôr, duns patifes manhosos
 «Que em troca do amor, dum pôdre coração,
 «Vão lambendo os aneis, os brincos, o cordão!

«Toda a familia em charola
 «Vae á praça da Figueira
 «E gasta, gente sem bóla,
 «A necessaria melgueira
 «P'ra mandar filhos á escola.

«Neste vasto pandemonio
 «Que é chato, nojento e chârro,
 «Em louvôr de Santo Antonio
 «Fazem cornêtas de barro
 «Um barulho do demonio.

«Foguête que em fogo alaga
 «Vestidos, ruas, telhados,
 «E que o incendio propaga,
 «Não faz môssa aos dementados
 «Porque o seguro é que paga.

«Emfim, a festa é d'arromba,
 «Anda o povinho na bêrra,
 «Meu gôsto p'ra éla tomba,
 «E quero descêr á terra
 «P'ra deitar a minha bomba

— «Do serviço o desobrigo,
 «Vá brincar nessa função;
 «Porem, meu dilêto amigo,
 «Imponho por condicão
 «Que me hade levar consigo.

(Quarenta e oito horas depois)
 Uma voz (cantando)

«O prazêr é doce mel
 «Que nest'alma se destila...
 «Na terra nem tudo é fel...

Outra voz (cantando)
 Olarila!

O porteiro (ironico)
 Vaes bem Miguel
 N'esse papel!



NOTAS SCIENTIFICAS

Chronica

O maior Conservatorio de Musica do Mundo

(Continuação)

Este curso realisa, e não o digo para deprimir os meus colegas europeus, uma veedadeira IDEIA: a elaboração das competencias. Oh! tornar-se uma pessoa competente, que sonho! Sei perfeitamente que, não basta conhecer a anatomia perfeita dum piano para se tocar com sentimento uma sonata de Chopin e que nem sempre aquêlê que lê sem hesitar e á primeira vista qualquer *partitura*, por mais difficil que seja, pode conhecer o valôr dramático duma simples frase musical; mas enfim, no meio da anarquia em que vivêmos, já é alguma coisa conhecêr um certo numero d'obras doutro tempo e poderêmos comparal-as com os trabalhos modernos.

E depois... vejã-m os Sr.^s bem, aquêlê curso dá autoridade; sã-se da aula munido d'um diplôma de critico, como quem diz: professor de bom gôsto. E não é só isso: o lado pratico da questão é que... se encontra immediatamente emprêgo.

Neste momento, quasi todas as cidades dos Estados Unidos pedem criticos musicaes experientes, como as crianças não pedem emulsão d'olio de bacalhau.

O conservatorio é frequentado, têrmo medio, por 2000 alunos. Os cursos são pagos. A média dos preços de 250 dollars por anno.

A despêsa que o Estado faz annualmente com este estabelecimento, orça por 300000 dollars; o predio custou 600000 dollars e foi construido em um anno. Está esplendidamente mobilado e fornecido d'instrumentos: no rez-dochão existe um grande armazem de musica, correio, telégrafo e telefône.

A bibliotêca é tudo que se pôde imaginar de mais bello, rico e sumptuoso. Alem de muitos milhares de livros especiaes para estudo de musica, possui mais de cincoenta mil partituras.

Perto do Conservatorio existem três grandes edificios, construidos á prova de fogo e exclusivamente destinados a alojar os alunos do sexo femenino que não teem familia em Boston. Cada alojamento é constituido por um pequeno salão, quarto de dormir e casa de banho, custando apênas a bagatêla de 8 a 12 dollars por semana. Existem tambem nestes estabelecimentos, casas de jantar comuns, grandes salas para visitas e enfermarias.

As alunas que não vivem nestes ho-teis escolâres hão-de provar que moram em casas de suas familias ou, pêlo menos, em companhia de pessoas de reconhecida honestidade.

Sejamos francos: para um pais republicano que tem a vaidade de marcar na vanguarda da civilisação e que se ensobêrba por comprehender, como nenhum outro, o lêmã: *Liberdade — Igualdade — Fraternidade*, este sistêma d'estudos parece-nos obnoxio, retrogrado e pouco liberal. Viva a liberdade, mas quem quizer estudar musica ne Conservatorio de Boston não pode vivêr como e onde pudêr. Viva a igualdade, mas para se poder cantar a compasso uma sedicã aria de Verdi é necessario pertencer se ao grupo dos que teem dinheiro. Viva a fraternidade mas, arremem se lá os desprotegidos da fortuna para cedêrem logar aos ricos, aos fortes, aos grandes!

Aqui muito á puridade: esta republica norte americana sempre me saú uma monarquia absoluta... O que me vingã é que: este grande Conservatorio que aloja no masto dontico bôjo 80 professores, 2000 alunos, 100 pianos e não sei quantas duzias d'orgãos e harmonios, este colosso que pede a cada estudante 250 mil réis por anno para lhe ensinar um *fungagã manhôso*, que custou 600 contos ao Estado e dispende 300 por anno, só expede mediocridades para o mercado.

E porquê?

Porque os norte-americanos usando, em tudo, o seu sistema essencialmente pratico, quizeram montar uma aula de musica como uma casa bancaria e ensinar violino e vocalisação como quem leciona escrituração comercial.

Enganaram-se: a divina Arte não pode estar sujeita ás peias irrisorias do seu convencionalismo hypocrita. Para se sêr bom musico é necessario sentir vibrar na alma uma corda especial, o sentimento, para a factura da qual se não montou ainda fabrica na America do Norte!

Mal por mal... antes o casarão dos Caetanos!

J. H.

ESPIRITISMO

Um caso frisante de telepathia

(Publicado na revista «A iniciação», e reproduzido nos «Mysterios das Sciencias Occultas» pag. 412).

«Na epoca em que eu frequentava a Universidade, uma grande amizade me ligava a um outro estudante, chamado Jarois Blair. Muitas vezes discutiamos ambos sobre diversos assumptos, mas raro era que chegassemos a accôrdo. Um dos assumptos discutidos era de quando em quando a questão da immortalidade.

Jarois Blair affirmava que as almas

dos finados apparecem algumas vezes em quanto que eu sustentava a these absolutamente contraria.

No dia em que deixamos a Universidade, o meu amigo Jarois, que era d'uma tenacidade pouco commum, tornou ao seu thema favorito, e fez-me a singular promessa de que, se o destino o fizesse desaparecer do mundo antes de mim, viria mostrar-se, dando-me assim uma prova da sua crença.

A partir d'esse dia, tendo terminado nossos estudos, separamo-nos, e partindo cada um para o seu destino, apenas tivemos de futuro relações puramente epistolares. Quasi um anno depois, mudei de estado, e escrevi ao meu amigo Jarois Blair, dando-lhe parte do meu casamento. A sua resposta era concebida n'estes termos:

«Querido amigo, é provavel que me vejas mais cêlto do que pensas; pretendo fazer-te uma visita, a ti e a tua esposa.»

Dois semanas se passaram sem que eu recebesse a menor noticia do meu amigo Blair. Ora uma manhã, em que eu estava estudando no meu gabinete, era ainda lusco-fusco, um como ligeiro impulso me fez levantar a cabeça de cima dos livros, e vi Jarois Blair em pé sobre o limiar da porta de entrada. Supuz que elle tinha sido introduzido por meu criado sem me avisar e quiz levantar-me para lh'o dizer. Mas foi me impossivel deixar o logar, sobre o qual estava como que cravado.

Meu amigo pareceu-me extremamente pallido.

«Então, Jayme, disse-me elle, acredita-me agora? A verdade não está de meu lado? — Que verdade? — respon i eu.

— Não estou ainda completamente morto, continuou Blair, mas pouco falta. Afastei-me do meu corpo por um curto instante, julgã-me a dormir, e é preciso que sem demora eu volte para lá. Tinha-me posto a caminho para te fazer uma visita, mas em Richemond cahi gravemente doente; se queres já partir chegarás a Richemond justamente a tempo para me vêr morrer».

Depois de ter dito estas palavras, Blair dissolveu-se na atmosphera e desapareceu. Devo confessar humildemente que senti um terrivel arripio: jámais em minha vida me tinha encontrado em situação similhante.

Apenas rompeu o dia claro, fui contar a minha mulher esta extranha aventura.

«Creio — lhe disse — que a minha visão não foi meramente hallucinatória, comtudo não me admiraria se n'esta singular apparição houvesse qualquer pequena parcella de verdade».

Julguei que minha mulher se ia rir de mim; mas com grande surpresa minha, ella persuadiu-me a partir para Richemond, na persuacão de que o convite feito era serio, partindo d'um

amigo que morre e não simples effeito d'uma hallucinação.

Cedi ao conselhos de minha mulher, e meia hora depois tomei o comboio para Richemond.

Chegado ao meu destino, dirigi-me ao hotel habitualmente frequentado pelos viajantes do norte. Encontrava-se o chefe á porta, e como me conhecia, veio ao meio encontro e logo me informou que o meu amigo, Dr. Jairo Blair, estava muito doente. E logo um creado me acompanhou a uma sala do primeiro andar e bateu a uma porta. Apresentou-se immediatamente um enfermeiro e pedi-lhe noticias do doente. «Está prestes a expirar» me disse elle. Entrei no quarto e vi o meu amigo com a cabeça immovel sobre o travesseiro. Finha os olhos cerrados e a cara, d'uma pallidez extrema, era tal qual me apparecera na visão.

«Está em agonia — me observou o enfermeiro — esta noite julgava-se já morto».

Subito, meu amigo recuperou os sentidos: «Jayme, me disse elle, tu és o marido d'uma mulher digna. Dizelhe que lhe agradeço o ter instado para vires, se'n o que eu não poderia tornar-te a vêr pela ultima vez; que Deus vos abençõe a ambos e me receba em seu seio».

Ditas estas palavras, fecharam-se para sempre os olhos do meu amigo».



Primeiro Sonho

A tarde a pouco e pouco escurecendo,
Encheu-lhe de tristeza o coração.
E ell' não vinha! Porquê? Porque razão?
Perguntava a si mesmo estremecendo.

Ficara na janella a contemplar,
O sol ao longe a pôr-se a pouco e pouco...
E a recordar aquelle amor tão louco,
Desde que ella soubêra o que era amar!

E ell' nunca mais voltou! Essa paixão,
Esse amor que era toda a sua vida,
Transformou-se em cruel desillusão!

E no seu coração nem uma esp'ança!
Só uma saudade amarga e esmorecida,
Do seu primeiro sonho de creança!

RUSTICO.

Pensamentos

Sejamos escravos da lei e seremos livres.
CICERO.

Não ha corpo fraco onde o coração é forte.

HEITOR PINTO

A cortezia é um laço que prende as vontades.

A mulher, desde que é mulher, é uma doente.

MICHELET.

Modas e Confeções



O enfermeiro de Tátá

POR

Edmundo de Amicis

(Continuação)

Ao mesmo tempo entrava no salão um homem com uma grande trouxa na mão, seguido de uma irmã da caridade. O rapaz soltou um grito agudo e ficou como se o tivessem pregado no chão.

O homem voltou-se e encarando-o um momento, correspondeu ao grito com esta exclamação:

— Cecilio! —

E correu direito para elle. O rapaz caiu nos braços de seu pae, suffocado.

As irmãs, os enfermeiros, o assistente, de todos os lados correram e ficaram estupefactos!

O rapaz nao podia fallar.

— Oh meu Cecilio! exclamou o pae, depois de ter olhado attentamente para o doente, beijando, e tornando a beijar o rapaz, — meu querido filho! Como foi isto? Pois conduziram-te á cama d'outro doente? Eu bem sabia pela carta de tua mãe que vieras e já desesperava de te não ver ao pé de mim... Pobre Cecilio! Ha quantos dias estás tu aqui? que confusão foi esta?... Olha que escapei de boa... mas sinto-me forte, sabes? E tua mãe? e a Conceição? e a pequerrucha? como vão todos? Eu saio já do hospital... vamos! Ah! meu Deus! quem o teria advinhado!

O rapaz custou-lhe a articular algumas palavras para dar noticias da familia, depois balbuciou:

— Oh! como estou contente! Como estou satisfeito! Mas que dias horribes que eu tenho passado! E não cessava de beijar o pae, mas sem arrear pé do lugar em que estava.

— Anda d'ahi! — disse-lhe o pae. Ainda esta tarde chegamos a nossa casa... Vamos, anda!... e puchou-o para si.

Mas o filho voltou-se a olhar para o doente.

— Então! vens ou não vens? perguntou-lhe o pae espantado.

E o rapaz dirigiu ainda um olhar

saudoso ao enfermo, que n'aquelle momento abria os olhos e o fixava attentamente.

Rebentou-lhe então d'alma uma torrente de palavras:

— Eu vou, Tátá, espera... eu vou... mas não posso... E aquelle velho que ali está? Ha cinco dias que estou junto d'elle... Procura-me sempre com os olhos... E eu a pensar que era meu pae!... Já lhe queria bem... Olha para mim... Sou eu que lhe dou os remedios e sinto que me deseja sempre a seu lado. Olhe, agora está elle muito mal... tenha paciencia, mas eu não tenho animo de o deixar; faz-me muita pena. Voltarei a casa amanhã... Consinta que eu fique aqui mais um pouco, não devo abandonal-o. Veja, veja de que maneira elle me está olhando! Eu não sei quem é, mas sinto que me estima; morreria abandonado; deixe-me ficar, meu querido Tátá.

— Bravo! Bravo, meu rapaz — gritou o assistente.

O pae ficou perplexo, olhando para o filho e para enfermo...

— Mas... quem é elle? — perguntou.

— E' um camponez como o senhor — respondeu o assistente. Veiu da aldeia e entrou no hospital no mesmo dia em que o senhor entrou. Trouxeram-o aqui, porque estava sem sentidos, e não poudé até agora dizer nada. Tem talvez alguma familia distante, tem filhos e cuida de certo que este é algum dos seus.

O doente não despregava a vista do rapaz.

O pae disse então a Cecilio:

— Bem, bem, fica!

— Não terá que ficar por muito tempo, murmurou o assistente.

— Fica, — repetiu o pae, — tens bom coração... Eu cá vou direito a casa para livrar tua mãe de cuidados. Toma lá um escudo para as tuas necessidades. Adeus, meu querido filho! Até á vista...

(Continúa).

SERENATAS

E' noute. Vae alta a lua!
A briza percorre amêna;
A noute é bella, serêna...
E Venus no ceu fluctua.

Os estudantes na rua
Com a sua cantilêna,
Fazem suspirar de pena
Na Abobada a meiga lua.

Ouve-se a voz dos bandarras
A anunciar a alvorada
Com ternas canções bizarras.

Canta triste a estudantada
Aos gemidos das guitarras:
— O' pallida madrugada...

Porto, abril de 1908

MANOEL PINTO FERREIRA.

OS PREMIOS

Ha annos fui passar o verão a uma villa da Beira onde conheci uma familia pobre de operarios. Pae, homem honrado e trabalhador que passava os dias cardando lã numa fabrica; mãe, mulher de bons sentimentos, nascida numa das aldeias circumvizinhas, e dois filhos, dos quaes o mais velho regulava por sete annos.

O pae affligia-se pensando que os pequenitos passariam a vida, como elle, na indigencia. Na rua via passeando os filhos dos ricos, da mesma idade que os seus, vestindo luxuosos fatos da ultima moda, com expandidos chapéus de palhinha na cabeça e calçando botas caras de polimento; ao passo que os seus nunca passariam da miseravel veste remendada, da triste gorra esfarrapada pelo uso e de terem por sapatos a epiderme endurecida dos pés.

Todavia alimentava uma esperança: talvez que a seus filhos a sorte se mostrasse mais favoravel que a elle.

Influenciado por esta ideia pensou em mandar o mais velho á escola; depois, se o pequenito fosse intelligente, mostrando vontade pelas letras, metta-o num seminario ou fazia o professor conforme podesse. Sempre seria bem melhor dizer missa ou ensinar o alfabeto a meia duzia de crianças do que passar dias inteiros em trabalhos forçados e cheios de perigos machinas complicadas de uma fabrica.

Afinal decidiu-se e um bello dia lá foi o rapaz caminho da escola, muito triste, de mãos nos bolsos, levando estampado no rosto o terror que lhe incutia a implacavel palmatoria do senhor professor.

Na aula permanecia attento, fez-se muito applicado e comprehendia facilmente as lições.

O mestre admirava-se de tal alumno e no fim de pouco tempo elogiava-o ao pae:

— O rapaz é intelligente, talvez o melhor de todos os que lá tenho.

— Não é bruto de to lo não, confirmava o honrado operario, assim elle fosse rico!

E ficava se atormentado pela ideia sombria da sua pobreza, na impossibilidade de adquirir fortuna.

-- O senhor visconde vae dar-nos um grande jantar no domingo e distribuir premios pelos mais estudiosos. Dizia um dia o pequenito ao pae.

— Vae? Não sabia!

— E eu tambem lá vou, pois vou, pae?

O velho operario reflectiu um instante e respondeu:

— Não filho, não podes ir.

— Então porque? fez admirado o rapaz.

— Onde tens tu, meu pequeno, um fato razoavel com que te possas apre-

sentar na casa de um fidalgo? Queres porventura ir rôto, descalço?

Perante este argumento o garoto não respondeu; ficou muito serio, com os olhos fitos no pae. Oh! como elle desejaria ser rico, muito rico, para ir á festa do senhor visconde!

Conformava-se com a sorte; era pobre e isso impedia-lhe a entrada na casa de um rico.

No domingo, á uma hora da tarde passaram lhe á porta uma onda de rapazes seus companheiros, numa alegria doída, todos bem vestidos com as suas roupas novas, assobiando, cantarolando...

A famijia correu pressurosa á janella a vê los. Os dois esposos, comparando aquelles que passavam alegres no

Mascaras illustres



Julio Verne

seu luxo, com os filhos tristes nos seus remenos, sentiram brotarem-lhes dos olhos abundantes lagrimas. E vendo desvanecer se-lhes a esperança, a expectativa de que uma sorte favoravel esperava os seus queridos pequenos:

— Não, a intelligencia de nada serve aos necessitados; nossos filhos hão-de ser sempre pobres; a senda que elles percorrerão durante a vida será repleta de espinhos, como é a nossa, como foi a de nossos paes!...

Coimbra, 3 de junho de 1908.

ABEL GOMES BOTELHO.

DEFINIÇÕES

Orgulho:—Luz alimentada pela deficiencia de espirito.

Ciume:—Falta d'educação e, muitas vezes, d'amor.

Botica:—Bilheteira da ultima viagem.

Rubra digitalis

Ecce homo!

Abarca o mundo inteiro o meu olhar,
Cabem dois mundos no meu coração,
E tem muito mais agua do que o mar
A lagryma que chóra uma Paixão...

Sorvo n'um hausto estrellas pelo ar
E bebo sangue quando como pão,
E toco o firmamento sem voar...
Sou mais forte que tigre ou que o leão!

Eu sou Christo e Platão e Zoroastro;
Sou Prud'hon, sou Abel e sou Camões,
Sou o Deus luminoso como um astro!

E'brío de Amor, fulgindo Inspirações,
Serei Kain — o mais abjecto ser—
Por um ventre corrupto de mulher!

Accusação grave

Disseste:—Não serei de mais ninguém!—
Disseste:—Mas se a tal me obrigassem,
Eu romperia até com minha mãe,
Beberia venenos que matassem...—

Disseste:—Não serei de mais ninguém—
Por que então mais ninguém tinhas no mundo!
Esses que julgas que te querem bem
E que te teem um amor profundo.

Todos me dizem com despreendimento,
N'um ar altivo, conico, impostor,
Que lhe fizeste o mesmo juramento!

A quaes mentiste tu, funesta flôr?
Aos que te fallam por divertimento
Ou a mim, que afinal, te tinha amor?

ASTRIGILDO CHAVES.

Guitarra de Romanol

36

A lucta de mais pericia
E que eu mais seria reputo
E' a que faz um policia
P'ra mostrar que não é bruto

37

Ver fugir a namorada
E' das penas a maior,
Callos nos pés é maçada,
Porem, ter sogra é peor.

38

Fidalga que espalhafata
A esmolar n'um peditorio
Dá-me ideia d'uma lata
De sardinhas do Tenorio

39

P'r'a cova malandro grado
A quatro parellhas vem;
E' muito mais aseado
Ir p'r'o inferno de trem.

40

O coração da mulher
E' estalagem onde vae
Qualquer freguez quando quer:
Bebe, come, paga e sae.

41

Triste mendiga em Vinhaes,
Burgueza na Extremadura,
Condessa em paços reaes
E pôdre na sepultura

42

Nega a esmola, vae-se enchendo
Avaro villão ruim,
Diz um verme: em tu morrendo
Eu faço as contas no fim.

Postaes illustrados

O Anjo



quella baiuca reles de tectos negros era o inferno que atormentava toda a existencia dolorosa do Poeta. Allí, á imundicia nauseabunda do antro, ia elle todas as noites depor os loiros que engalanavam a sua gloriosa mocidade; e aquelle artista inexcedível que havia emballado uma geração no ritmo candente das suas estrophes, era allí chasqueado pelos matulões, cuspidos pelas rameiras e caçoado pelos vagabundos! E tudo por que allí surgia no charco impuro do vicio a flor branca d'um corpinho de mulher!

E eu via-o todas as noites, todas, á porta do antro, pallido, convulso, esperando aquella que era o seu amor emquanto ella lá dentro bebia pelo mesmo copo por onde bebiam as bocas pestilentas dos satyros ébrios, que lhe beijavam o collo estupidamente, em lubricidades baixas.

— «Vem!»

E toda aquella malta explodia, as boccas escancaradas, em insultos e em pragas: alguns, mais atrevidos, chegavam a atirar-lhe com vinho dos seus copos de meio litro; e ella então, o Anjo, que compartilhava glorias, a musa inspiradora do Poeta, vendo-o livido, a gaforina desgrenhada, naquella dôr inagualavel rollar nos detricos da porta da taberna, soltava uma gargalhada alvar, fazia para elle um gesto obsceno e, voltando para os braços da malta, bradava:

— Ora o mostrengo! Venha vinho!

Olhos

Quem te fez assim tão triste, ó linda dona dos mais triste olhos e dos sorrisos mais tristes? Vive da tua tristeza o meu coração; dos teus olhos amorticados o meu olhar; dos teus sorrisos de dôr — a minha vida: resplende em mim a tua vida! Sou como tu — um triste.

Ah! nunca invejes as grandes alegrias nem os risos estonteantes que a gargalhar tu oíças. Ha alegrias que encobrem odios; ha risos que disfarçam uma traição. Judas, quando vendeu Christo, riu. O riso é uma mascara que se afivella. E' uma arma venenosa. Quantas ideias tenebrosas não enlameiam a alma d'um rosto que ri?!

Olha a serenidade, a mansidão do olhar negro e célico de Maria, a mãe de Christo! Olha a doçura harmoniosa e candida do seu sorriso triste! E' que n'ella, como em ti, ha o infundavel amor, purificado em suavissimas harmonias de paz.

Tu não vês na lua como apenas um hemispherio recebe a luz do sol? Assim teus olhos — luas d'amor — ó mulher triste, ó minha santa amante, teem dois hemispherios illuminados pela luz radiante da tua alma e outros dois, negros, sombrios, envoltos nas trevas melancolicas das pupillas, banhadas de luto. Estes voltal-os tu aos homens como um protesto; os outros, brancos de luz, voam até Deus reconhecidos!

A tristeza é a paz. A paz é a harmonia que purifica o amor humanizado.

Já Campoamor dizia:

*Todo en amor es triste,
Mas, triste y todo, es lo mejor que existe!*

ASTRIGILDO CHAVES.

BORDADOS E RENDAS



PELAS ARENAS

CHRONICAS TAURINAS

A corrida que no ultimo domingo se realisou no Campo Pequeno, cujo cartel estava bem organizado, deixou satisfeitos os aficionados.

Pertencia o gado ao sr. Emilio Infante, o lavrador portuguez que maior numero de curros tem fornecido esta epocha para a nossa primeira praça. Completo no seu conjuncto, sendo maior a percentagem de bravura e boas intenções do que é costume ver-se, não admira que os artistas todos se esforçassem por tirar o maior partido possível, conseguindo durante a tarde conservar o publico em relativo enthusiasmo.

Eram espadas *Camisero* e *Bienvenida*, ambos conhecidos e apreciados em Lisboa, e, ainda que o primeiro, apesar de mais antigo, possua *cartel* menor que o segundo, a verdade manda dizer que n'esta tarde esteve trabalhador como poucas vezes o temos visto e resultando artistico o seu trabalho.

Não quer isto dizer que *Bienvenida* nada fizesse, ao contrario; tendo-se conservado durante a primeira tarde n'uma certa apathia, parecendo mesmo desconfiado, durante a segunda desforrou-se bem, e o toureiro que empregou no 7.º bicho foi realmente primoroso. Verdade, verdade que o touro tambem era o mais bravo e no-

bre de quantos no domingo pisavam o redondel.

Em resumo, tanto um como outro mostraram ganas de trabalhar e conservar o bom nome que teem em Lisboa.

Acompanhava a *Bienvenida*, como bandarilheiro, o novilheiro Manoel Perez, *Vito*, que com *Maera* toreu superiormente e 5.º que já antes tinha aguentado dois pares de *Camisero*, a cambio, sendo o segundo *en la silla*.

Na lide d'este touro occorreu um incidente que muito bom seria se não repetisse. Já o cornupeto estava demasiadamente apurado, quando o intelligente ordenou a mudança de tercio, mas *Maera*, que tinha sido o ultimo a sahir e havia collocado mal meio par, foi pedir ao director auctorisacão para pôr mais um. O sr. Martins negou-lhe a auctorisacão pedida, e o artista, insistindo levantou impensadamente um conflicto entre o intelligente e o publico, conflicto que seria escusado se *Maera* tivesse acatado as ordens que lhe dava. Um jornal de segunda feira, diz que fez *Maera* muito bem e que elle é quem actualmente está substituindo *Minuto* em Portugal. Está redondamente enganado o critico que tal escreveu. Nem *Maera* fez bem, por que a desobediencia ás ordens do director é sempre caso para censura, seja a ordem bem ou mal dada, nem o artista hespanhol pode comparar-se com o seu fallecido compatriota.

Filippe Aragô, artista correcto que ia a todos os touros, puros ou *plaxeados*, nunca desobedeceu ás ordens do intelligente! Acatava-as sempre, embora em sua consciencia as reputasse más. Até mesmo, quando o director da corrida o mandava auxiliar a lide d'um touro mau, o *Minuto* lá ia... e cumpria a sua obrigação.

Mas voltando á corrida.

Os cavalleiros eram Manoel Casimiro e Macedo.

Manoel lidou o 1.º e o 6.º e ouviu applausos, comquanto maiores poderiam elles ser se o artista procurasse mais variar o trabalho.

Coube a Macedo o 4.º e o 9.º um manso e mau, do qual nada conseguiu fazer. No 4.º sobresahiu o seu trabalho variado artistico e correcto que mereceu a ovação que o publico lhe dispensou.

Dos nossos bandarilheiros tiverem bons pares Manoel dos Santos, Rocha, Thomé e Theodoro, este ultimo incansavel na braga. Thomaz, ao intentar *quebrar* á gaiola no 3.º foi colhido e pisado apparatusamente, o que deu occasião a poder apreciar-se a falta, o tempo, de auxilio opportuno, e ao mesmo tempo mais uma vez veio confirmar que nunca se deve empregar o *quebro* á gaiola, pois que pode sahir de lá um *puro*... com algumas corridas, como aconteceu no domingo.

A direcção da corrida muito acertada, sendo unicamente para lamentar que não mandasse sahir os cabrestos

imediatamente á desobediencia de *Maera*.

Os forçados continuam a ser a nota triste das corridas portuguezas.

Medrosos e desunidos, apenas não fazem *fiasco* quando se conservam dentro da trincheira.

PRAÇA D'ALGÈS

No dia de Santo Antonio apresento-se n'esta praça a quadrilla de *Ninos Sevillhanos* a qual é composta poa creanças de 10 a 12 annos.

A concorrência ao espectáculo foi muito inferior, o que é para lastimar, pois que o publico *habitué* d'aquella praça, costumado como está as mujingangas não corre apressado quando lhe apresentam alguma coisa que de serio tenha o cunho. Pois arrependeu-se o aficionado quem lá não foi.

A quadrilha infantil tem artistas que podem dar lições a alguns dos nossos bandarilheiros, e d'entre elles pode especialisar-se *Gallito*, filho mais novo do fallecido espada Fernando Gomes, *El Gallo*, que promete vir a ser um bello artista como seu pae e seu irmão Rafael.

Na ultima quinta feira tivemos a segunda apresentação e despedida da quadrilha infantil.

Correram se 6 bezerras de anno e meio e mais um garraio de trez annos, lindo por signal.

Os petizes continuaram dando lições a alguns *maestros*. Apareceu ali um rapazote hespanholito, com uma coragem e uma ignorancia do perigo desmedidas.

E' de crer que se este rapaz se dedicar com afinco e que lhe auxiliem as disposições, seja um futuro bom toureiro.

ÉMECÊ.

ARTE DE TEATRO

A minha defeza

Se pretendo esboçar a minha defeza, é por saber que duas caras partidas não liquidam uma questão, que, para mim, é puramente artistica, e, para o Ex.^{mo} Sr. Freitas Branco, é pessoal.

Defendo-me porque sua ex.^a é homem considerado pelos que apreciam bibliomania; e, eu, — ai de mim! — sou visto como «parcial, mau, pouco polido, ingrato» e outros adjectivos dignos de quem os lançou ao papel.

Portanto, trata-se de divergencia de criterios entre um *gigante* da literatura dramatica nacional e um paupérrimo rapaz saído do Conservatorio, ha 3 annos; entre um cedro e um canico, a luz morticia duma candeia d'azeite e a luz intensa e brilhante do Sol. — para me servir da imagem do sr. Bento Mantua, ao equilibrar o talento scenico do sr. Brazão, com o do sr. Araujo Pereira. Escusado é dizer que o cedro—agora

— é sua Ex.^a o sr. Freitas Branco, e além de cedro é Sol. Eu, contento-me com pouco: sou a luz d'azeite e o canico mais canico dos canicos isolados por esses campos fora. Sua Ex.^a como polyglota que é, conhece a fabula franceza: *O Canico e o Cedro!* Parece escrita de proposito para a moralidade do nosso caso. Que bem me sinto em ser canico! Por mil fortunas que sua Ex.^a me desse, não trocaria esta ventura pela do cedro! O cedro a sua Ex.^a vae bem, porque o cedro é secular como o espirito de sua Ex.^a Eu, pobre canicosito, cá vou aguentando ventos e tempestades, impellido quase a beijar o chão, mas sempre vigoroso. O tempo deita abaixo os mais renitentes cedros; um canico desaparece para dar vida a outros canicos em ancia de tran-formismo. Cedro que caiu, jamais se levantou. Em summa; o canico vae defender-se do cedro; a luz d'azeite da luz do Sol. E' difficil; mas vae.

Em Fevereiro p. p. o sr. Bento Mantua, convidou-me para ser o critico teatral do *Azulejos* na sua qualidade de secretario da redacção deste semanario. Aceitei de gosto, tanto mais que o sr. Mantua, entusiasmado por uma critica que eu fizera á peça *A Mascara*, do sr. Afonso Gayo, me incitou a conservar sempre a mesma orientação, pois, «seria bom para todos nós». Impuz só duas condições: independencia de criterio filosofico-artistico, sem intermediarios persuasivos e o pseudonimo: Mario Lage.

Não que me importasse o saberem que era eu, Simões Coelho, o tal Mario Lage, mas por não ignorar a existencia de muitos e varios Freitas Branco, que pastam do teatro portuguez. Num livro meu, em preparação, me descobriria, sem ajudas delatorias.

Durante trez mezes não houve peça que não fosse apreciada. Elogiei, onde devia de elogiar; bati onde entendi que deveria fazer-lhe; censurei onde merecia censura; aliviei a forma de tudo se evitar. Creou-se uma atmosfera hibrida de protestos, sympathias e odios. Bem os ouvia, quando alguns dos artistas citados, me perguntava se eu conhecia «esse Mario Lage». Respondia-lhes invariavelmente com a receita de se defenderem, tanto de direito que «esse Mario Lage, publicara no n.º de 30 de Março, o seguinte: — «Poderá o dramaturgo ou artista visado não achar razoavel a nossa opinião, que prima por sincera. Está no amplo direito de defender a sua obra, tanto mais que todos nós ganhámos com a troca de impressões, contribuindo assim para que os erros de parte a parte desapareçam. Pondo as colunas deste semanario á disposição de todos os artistas de teatro, temos unicamente o desejo de que não haja dubias comprehensões sobre o que escrevemos».

Nesse mesmo numero, apreciei a comedia inglesa, *O Faç Tudo*, traducção livre do sr. Freitas Branco. Sahi do teatro indignado, porque quem carimbava esse trabalho equivoco, era sua Ex.^a o censor dos originalistas portuguezes! No comite de leitura no Teatro D. Maria! Onde estava a logica? Sua Ex.^a zoilava sobre trabalhos originaes e só escrevia, perfilhando-as, chocarrices e obscenidades! Deduzi, então, que os originaes não davam o dinheiro que sua Ex.^a tanto ambicionava; só as suas traducções lhe garantiam a bolsa recheiada. Foi quando escrevi este periodo que sintetisa bem a arte—utilitaria—de sua Ex.^a: — Aguçar os appetites moribidos de uma plateia com pemeditações de «*Já não ha bilhetes na casa*», equívale ao sifilitico consciente de que um beijo seu perdará o ente desprevenido. E hoje, mais do que nunca, este periodo diz quem é o sr. Freitas Branco, como escritor de teatro.

Sua Ex.^a deu ao diabo a cardada, porque ainda ninguem lhe disséra *atrevimento* igual. Que fez? Poz o rapote e lenço, andou por toda a parte a indagar quem era Mario Lage. Não repetiu o que já fizera bastas vezes a quando a critica dos jornaes diarios o trossava pelas suas *litterarias* traducções: não procurou immediatamente

o director do *Azulejos!* Continuou as pesquisas, como o mais habil dos policias, até que soube que Mario Lage era Simões Coelho.

«Eureka!—disse—dos outros me não posso vingar, porque delles preciso para occasiões propicias. Neste é que cairei a fundo: é novo, além disso é actor e vamos a ver se o inutilizo ou não. Sou bem visto em todos os theatros; tenho *comido* quase todos os empregarios, e a minha vingança fechar-lhe-ha todas as portas. Eureka.»

Se bem o ruminou, melhor o fez. Esperou o momento psicologico para me denunciar, até que a critica á *Má Sina* lhe deu a *deixa*, aproveitando raivas mansas suscitadas pela minha apreciação ao trabalho do sr. Brazão. Esperou ainda a carta ambigua do sr. Bento Mantua, e—zaz!— saltou em cima de mim, não com os pés, mas com uma carta, em que transparece todo o seu *talento de literato*, a predisposição atavica para juiz de instrucção ou familiar do Santo-Oficio.

Sua Ex.^a tem em casa uns 5000 volumes! Como só lê teatro, perfeitamente esquecido de que não é o bastante, porque o teatro é hoje a mais difficil arte de execução, tanto litteraria como interpretativa, por depender da evolução das modernas sciencias, desconhece o que a respeito de espiões e denunciantes ha escrito:

Espiões e denunciantes confundem-se: São humanos na forma e feras no intimo.— Aristoteles.

Um denunciante é como a sombra que nos segue.—Platão.

A denuncia é sinonimo de cobardia. Os cobardes são pó impalpavel. Se o vissemos.—Spencer.

Antes de denunciar alguém, pensa no que fazes. Se não pensares, denuncia; mas foge.—Mirabeau.

Um denunciante mete dô, porque não accusa cara á cara. Anda leguas, quando pôderia poupar caminho.—Pascal.

Sua Ex.^a revolta-se por eu ter dito ser nomeado pelo governo para o comite de leitura, quando o foi pelo conselho d'arte dramatica Peior a emenda de que o soneto! Os escriptores que o compõem que lhe agradeçam a situação em que sua Ex.^a os collocou! E' que o nomearam irreflectidamente, ou por outra, naturalmente foi eleito, porque nenhum membro do dito conselho poderia com a espinhosa incumbencia. Não, não senhor, eu faço justicia ao digno conselho d'arte dramatica. Erraram. Paciencia. Abrindo os olhos, talvez substituíam sua Ex.^a, e sua Ex.^a evita o ser *testa de ferro*.

Sua Ex.^a reivindica a paternidade da traducção d'*O Fim de Sodoma*. Tem razão. Dou as mãos á palmatoria. Exquecimento imperdoavel, é certo. E tanta razão lhe assiste que transcrevo:

«A primeira peça de Sudermann traduzida, não só em portuguez, mas até em lingua estrangeira foi *O Fim de Sodoma*, que eu aqui apresentei, ha bons 20 annos, no teatro de D. Maria com a collaboração do meu velho amigo C. de Moura Cabral.

O publico, colhido de surpresa pelos novos processos do dramaturgo allemão, ante aquellas formas desusadas e certos arrosos estranhos naquelle palco, mostrou-se reservado,—quasi hostile. Só alguns intellectuaes,—muito poucos,—compreenderam as bellezas da tragedia de Sudermann, e, por consequencia, só a esses agradeço».

Pobre cerebro como muda-te! Ha vinte annos fazias representar *O Fim de Sodoma*, hoje traduzes *Papa leguas e Faç Tudo!* Pobre cerebro que desceste ao estomago!

Sua Ex.^a insinuando que me gabei na apreciação da revista *A. B. C.*, ainda na forma grafica é dum perdidia original. Eu escrevi: *na dicção do operario admirador de Heliodoro Salgado*. O meu nome estava seguindo os de collegas meus. «maria vae com as outras». Se o notei é para se attentar na homenagem feita ao grande propagandista, para logo depreciada por outra de refinado patriotismo. Outro fosse o papel, nada diria. Além disso o citar o meu nome foi para desviar suspeitas de ha muito ali-

mentadas por quem me tem ouvido dizer o que escrevo de pois.

Sua Ex.^a chama-me «histrião». Confesso que fiquei um pouco atrapalhado. Não, porque o não esperasse nessa altura da carta. Depois de mimosar-me de «garoto sórdido» o «histrião» havia de aparecer como no fim desse *monumento literario*, li: «traiceiro anthropoide» e «cano de esgoto». Eu sou histrião! Está bem. Tomo da palavra o uso deprimente que sua ex.^a della faz. E o que será sua ex.^a que ao passo que escrevia no jornal *O Dia*, a 31 de Dezembro de 1907: «... Insisto nestes longos pormenores, afim de patentear, sem longos commentarios, a decadência do theatro intellectual entre nós; não será porventura uma visão de pessimista, o declarar que o não temos, e não sorri nenhuma esperança de que em breve surja. Pode-se afirmar com afoiteza, que a produção teatral do anno que vai findar — excluidas rarissimas excepções, — antes oferece documentos para uma analyse sociologica, de que para o estudo da literatura e da arte dramatica. Nota-se um estado estacionario, para não dizer um retrocesso verdadeiramente confrangedor» — traduzia peças allemãs, das quaes as mais desmoralisadoras em seus intuitos? Não sei quem seja mais histrião; se sou eu que pinto a cara com o desejo de ser honesto em meu trabalho humilde, se sua ex.^a que obriga os artistas a serem o que disse no mesmo jornal, em 31 de Dezembro de 1906: «O predomínio das peças espectaculosas, vazias de ideias e de arte, em que o actor pouco mais é que um phonographo ou um titere, tem concorrido poderosamente para a decadência da scena portugueza». Como sua ex.^a consegue censurar o que mais no intimo lhe agrada, pois lhe dá resultados financeiros dignos do espirito dum ganhão. Embora tivesse dito ser o *O Faz Tudo* «Um genero pouco affecto»!!!

Sua ex.^a diz que no Conservatorio me não deram talento nem ideias. Concorro. Em compensação ensinaram-me a observar, para depois os pôr em scena, todos os ridiculos pretenciosos. Assim fiquei sabendo que é sua ex.^a um dos melhores tipos para quando haja de interpretar o literato (?) — auctoritario. Apanho-o, e, creia, heide pô-lo em scena, logo possa. E com que vontade...

Sua Ex.^a diz ter sido para mim «um homem delicado». E factó. Diz ter-me «amado caridosamente». Tão «caridosamente» que nunca me ofereceu um livro que me desse boas novas d'arte — pelo contrario, algumas vezes era eu que lhe indicava obras que lhe dariam uma nova orientação — obras, que sua Ex.^a não conhecia, nem de nome, principalmente obras de sociologia.

Para findar. Demasiado tempo já roubei aos pacientes leitores. Procurei defender-me por se tratar, como acima disse, duma questão artistica e que a molevolencia de sua Ex.^a tornou penoal. Não o seguirei no seu procedimento. Nem sequer lhe chamarei: o traductorzinho Freitas Branco! Esse diminutivo fica para mim, e guardo-o, como se guardam as visceras, em alcool puro, para que se não estrague. Agradeço-lh'o. Assim como faltaria a um dever se não oferecesse o «cano de esgoto» creado pela sua imaginação, para quando quizer passar por elle...

Sou antropoide? Tenho muita honra nisso! Sua ex.^a julga que o não é tambem? E'; com a diferença: eu sou antropópita-co; e sua ex.^a é pitécantrópo!

Sua Ex.^a continue no seu amor pelo teatro portugês, que eu aqui, ou n'outro jornal, espreitar lhe-hei as pizzas de denunciante e traduttore-traditore.

MARIO LAGE.

EPITAPHIO

Aqui jaz o bom Gregorio
o qual, sensível e terno,
Por fazer qual Juan Tenorio
Teve em vida o Purgatorio
Devendo hoje 'star no inferno.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente: — Antonio E. S. Junior.

Fui bastante cuidadoso na confecção do seu horoscopo porque, quando olhei a sua fotografia, vi immediatamente que havia nos traços de seu rosto um *tic* especial, qualquer coisa fóra do comum, emfim, agourei que os Astros iam falar-me longamente a seu respeito e não me enganei.

A linha geral de sua vida desenvolve-se unida e firme simbolizando no seu conjunto a *união na família*. No quadro do presente e entre as brumas do futuro só vejo affecto, dedicação e amizade, tanto do Sr. para seus proximos parentes como destes para si. Actos heroicos, de verdadeiro sacrificio perpassam ante o meu olhar de vidente, como que envolvidos em denso véu que me não deixa pormenorisal-os; em todo o caso o que posso afirmar lhe é que decorrem todos serenamente e harmonicamente filiados na afeição reciproca que os membros duma família, a sua, dedicam uns aos outros. Pena é que não distinga com nitidez o que se passa ante mim, afim de poder satisfazer-lhe plenamente a curiosidade. Deus porem não quer e Ele sabe absolutamente bem o que faz, em quanto que nós, miseros mortaes, apenas podêmos descerrar uma pontinha da négra cortina que cerra a nossos olhos a misteriosa rasão da nossa existencia, o fatidico *porquê* da nossa peregrinação sobre este grão d'arêa que redemoinha atravez os espaços sideraes e a que chamámos *Terra*.

Será de temer, para si, que, dada a tendencia da sua alma para se sacrificar pelo proximo, seja dominado por algum desses espiritos fortes, irrequietos e maus, prontos sempre a fazerem reverter em seu proveito as qualidades altruistas do proximo, ainda que, para este resultado graves tribulações. Fuja pois dos caracteres egoistas que no caminho de sua vida encontrar; estude os homens e selicione prudentemente as suas relações sociais.

A sua intelligencia será sempre pronta, vivaz e assimiladora e genericas as suas aptidões ao trabalho. Guarde no entanto do exagêro que lhe assobérba a alma quanto ao modo de encarar as coisas deste mundo miseravel. A plethora d'ideás é, certamente, coisa d'alto valôr, mas corre-se o risco de congestão intellectual com o seu cortejo de vesanias e neurastenia.

Se, durante a sua mocidade, alguns desgostos tiver por causa de parentes muito proximos, não se exalte, não perca a paciencia: deixe aos bons Espiritos Celestes, seus guias moraes e intellectuaes, o cuidado de lhe minorem as dôres e os sofrimentos. Quanto maior fóra a provação, mais fortemente consolador será o balsamo que Elles derramarão na ferida!

Perdõe sempre aos amigos infieis, que alguns terá, e nunca procure vingar-se, seja de quem fóra.

Apesar de estarmos muito longe um do outro, um luminoso raio de luz astral, une, neste momento os principios fundamentaes das nossas personalidades e, asseguro-lhe, tudo quanto a seu respeito deposito no papel, canalizado pêlos bicos da minha penna, tem a sua origem nêse pais desconhecido e fantastico que tem por sol o facho da Verdade.

Adeus, querido e desconhecido amigo, a quem talvez nunca chegue a apertar a mão, adeus! Possam os conselhos que, por meu intermedio, lhe dão os Espiritos Superiores do Alem, dar-lhe a felicidade terrêna! Adeus!

Consulente: — Eduardo F.

Que faz Sr? O consulente vai passando neste momento sôbre um abismo tremendo cujo fundo está completamente ericado de rochas ponteagudas. Caminha sobre uma corda delgada e banba: ao menor desequilibrio desaparece na voragem, faz-se pedaços nos rochedos.

Mêsmo sem oculos, vejo que vai tropeçar na sua *manqueira* e cair. Olhe que, despenhando-se, não perde só a vida, que nada vale, despedaça a sua honra, o que é alguma coisa, e as honras alheias, o que é muitissimo.

Vamos, ainda é tempo: ahí lhe dou a maromba salvadôra. Tem três palavras inscritas ao centro, mêsmo no sitio onde deve agarrar a para equilibrar-se; e são elas DEVER — CORREÇÃO — HONESTIDADE!

Vamos, pégue-lhe...

G. C.

Veja-se nas capas a senha de consulta e demais requisitos.

Cumulos

Da arte venatoria: — Ir á caça para matar o tempo.

Da economia: — Morar na casa d'um botão.

Tirar cataratas aos olhos de couve.

Traduzir uma lingua de fogo.

Semana Alegre

N'um tribunal:

Juiz: — Você não tem vergonha?

— Vergonha de quê, sr. juiz?

— E' com esta a vigesima vez que você aqui apparece!

— Se vamos a isso tem V. Ex.^a muito menos do que eu, porque vem cá todos os dias.

POSTA RESTANTE

Hed. Bert. — O ultimo verso tem uma syllaba a mais. As photographias vieram; sahirão a seu tempo. Mande o resto, talvez sirva; só vendo saberemos.

A. S. — Tem razão; o soneto está errado, escapou; mas a *Moreninha* volta tambem a estar: é o olhar teu, agora — que o mar está amargo — são versos de seis syllabas e nunca podem ser de cinco. Emênde e mande, faça favor.



QUAL É A COISA,

QUAL É ELLA?

O GRANDE CONCURSO

DA 3.^a SERIE

Cinco premios

- 1.^o — Um relógio d'ouro (Zenith).
- 2.^o — Uma palmatoria de prata.
- 3.^o — Uma biscoiteira.
- 4.^o — Uma colleção do «Azulejos» encadernada em percallina.
- 5.^o — Uma assignatura gratis para a 4.^a serie.

Condições do Concurso

1.^a — Decifrar, durante os 15 numeros da 3.^a Serie, maior numero d'artigos, alem de 150.
2.^a Para que os nossos leitores possam concorrer em grande maioria resolvemos modificar a 2.^a condição do concurso, augmentando-lhe o prazo, assim:

Poderão enviar-nos as decifrações durante um intervallo de 15 dias, a contar da data da sua publicação.

A lista dos decifradores e as soluções dos artigos publicados são dadas de 4 em 4 numeros.

As decifrações devem ser enviadas pelo correio cintando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

Decifrações

Do numero 35

Lança luz — Facha — Corsario — Paudora — Marido — Canto — Juizo, juizã — Julio — Ephobos, eras — Sáfio, safio — Peixe velho é entendedor de anzões — Mesmo a casa de teu irmão não vás cada serião — Bens de sachristão, cantando vem, cantando vão.

Do numero 36

Seinco — Sete-casacas — Vitella — Saldanha — Romaria — Lyra — Tubara, Tubarão — Ligulo, ligula — Mecheiro, mero — Koholo, kolo — Cabedella — Antes vergonha no rosto que magoa no coração — Bens de sachristão cantando vem cantando vão — Ovelha que bala perde o bocado — Aurelia Lacilia.

Decifradores

DOS
N.^{os} 35 e 36

Mais um (1) — N.^o 36, 10 — Bailio — N.^o 35, 8 — Jó Féra. 8 — A. J. Teixeira — N.^o 35, 8 — Bucage — N.^o 35, 2, N.^o 36, 6 — (8) — Ze João — N.^o 35, 11, N.^o 36, 13 — (24) — Rainga — N.^o 35, 5, N.^o 36, 4 — (9) — Adegas — N.^o 35, 5, 36, 7 — (12) — Nathalia — N.^o 35, 4, N.^o 36, 7 — (11) — Um cabo do 11 — N.^o 35, 7 — Litras — N.^o 35, 10, N.^o 36, 10 — (20) — Boavida — N.^o 35, 10, N.^o 36, 10 — (20) — Ziram — N.^o 35, 11, N.^o 36, 12 — (23) — Sado — N.^o 35, 8, N.^o 36, 11 — (19) — Celeste — N.^o 35, 8, N.^o 36, 10 — (18) — Açnarepse — N.^o 35, 7, N.^o 36, 11 — (18) — Sombrio — N.^o 35, 9, N.^o 36, 11 — (20) — Almeida Cyrne — N.^o 35, 2, N.^o 36, 4 — (6) — R. Passos — N.^o 35, 6, N.^o 36, 11 — (17) — Ramito — N.^o 35, 6, N.^o 36, 11 — (17) — Jose — N.^o 35, 4, N.^o 36, 6 — (10) — Cabeça d'Agua — N.^o 35, 10, N.^o 36, 13 — (23).

(1) Mais um — Precisa enviar nome e morada.

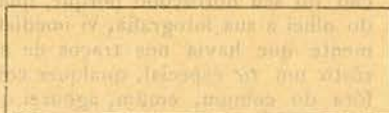
Veio uma lista sem assignatura do n.^o 36 com 10 decifrações; ignoramos a quem pertence.

Charadas

Novissimas

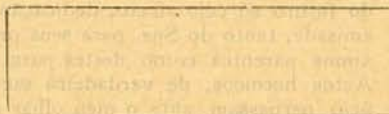
Então com agua quem não faz doce? - 2-1.

R. PASSOS



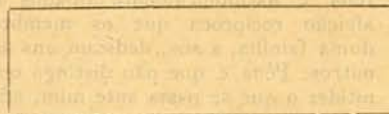
A cantiga não tem o dom d'uma trôva bonita, mas já a ouvi n'um rio brasileiro - 2-1.

DIVINO



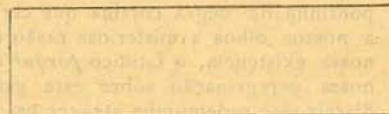
No meu pomar vi um animal que se parecia com um crustaceo - 1-3.

BAILIO



Antigamente o chá d'este fructo tornava o homem palrador - 1-2.

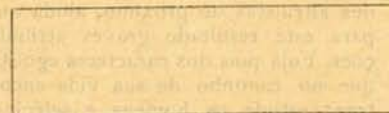
TIMIDO



Bisada

Apanha-2
— já —
Embarcação americana - 3

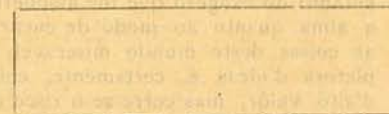
OJUARA



Augmentativa

O instrumento é peixe - 3.

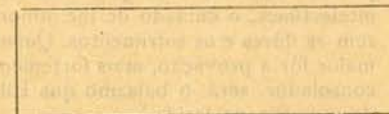
PUMPUM



Truncada

Na India vi um homem - 2.

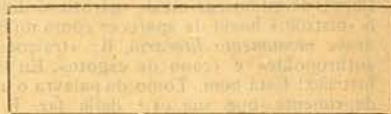
FELIÃO FRADE



Metamorphose

Tens um animal por conselheiro - 2 (v. m.)

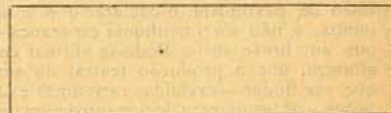
CABEÇA D'AGUIA



Electrica

Gallinaceo do Brazil - 2.

JÓ FÉRA



Enygmas

Por iniciaes

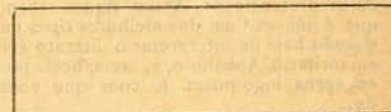
C P E S C
3 3 1 2 4

LUIZ



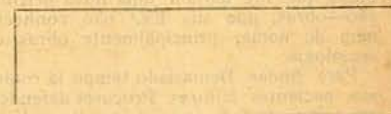
R Q M T C A
3 1 2 2 2 3

PINGOLINHAS

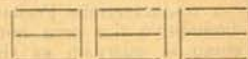


D N N P P
1 2 1 3 2

J. P.

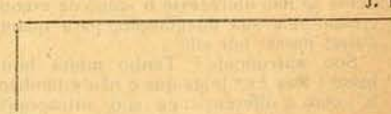


De palitos



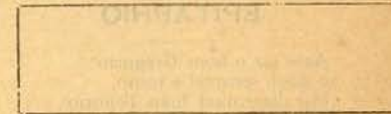
Tirando 5 palitos é barbaro.

J. P.



Tirando 8 palitos fica um bosque.

J. P.



Artigos a decifrar 14.

R. Xavier da Silva

Doenças da garganta, nariz e ouvidos

CLINICA GERAL

Das 3 ás 5—Rua da Palma, 133, 1.º

LUZ KITSON

Petroleo por incandescencia

A mais brilhante, a mais economica

Sem cheiro nem fumo, L. M. LILLY, successor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º-D.

MOTORES DE AR QUENTE

Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento, L. M. Lilly Successor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º.—D. Lisboa.

A. P. FERRAZ

Chapeus para senhora e creanças

RUA DO OURO, 231

(1.º primeiro quartelão vinda do Kocio)

Grande Deposito

— DE —

MOVEIS DE FERRO

— E —

Colchoaria

— DE —

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 56-Lisboa

AOS NOSSOS ASSIGNANTES E LEITORES

Esta redacção encarrega-se de mandar encadernar a 1.ª e 2.ª Serie do AZULEJOS, em panno chagrin, cabeçalho e letras douradas, ou qualquer côr á escolha do interessado, pela modica quantia de

500 RÉIS

A mesma encadernação em percalina

700 Réis

Os pedidos devem ser feitos a esta redacção, acompanhados da respectiva importancia.

Para as provincias augmenta o porte de 200 réis.

